

Prudente distância

Quando diz que abre mão do apoio formal do PMDB, o presidente Fernando Henrique Cardoso está, na verdade, dizendo que de bom grado abre mão de se ver outra vez nos noticiários do dia seguinte à convenção do partido ligado àquelas cenas que, pelo menos em público, só acontecem nas piores famílias.

Fernando Henrique não está abdicando de rigorosamente nada. Está, antes, se preservando de um desgaste tão inútil quanto perigoso justamente nesse momento em que há pesquisas que já detectam movimentos favoráveis ao governo no eleitorado. Como a alteração de posições entre ele e Luiz Inácio Lula da Silva não é considerada ainda nem de longe consolidada, qualquer passo em falso pode ser fatal.

Ainda mais quando os passos em questão são desnecessários. Para que se envolver com mais uma confusão de pemedebistas se o apoio da maior parte das lideranças nacionais está garantido?

Ninguém imagina que Antônio Britto, no Rio Grande do Sul, Garibaldi Alves, no Rio Grande do Norte, Jáder Barbalho, no Pará, Íris Resende, em Goiás, e vai por aí afora, possam mudar suas posições e compromissos com o governo só porque a convenção presidida por Paes de Andrade decida por uma nova orientação.

A declaração de Fernando Henrique – além de orientada pela avaliação dos malefícios que sofreu com a convenção do PMDB que massacrrou Itamar Franco – foi feita também em perfeita consonância com o que pensam os governistas do partido.

Haverá, pois, duas convenções. Aquela convocada por Paes, onde estarão presentes Roberto Requião, Orestes Quércia e, ao que se diz, José Sarney, mais a turma do MR-8, será num ginásio de esportes. No mesmo dia e hora, num auditório da Câmara, se realizará outra, essa convocada pela executiva nacional do PMDB de maioria governista.

Claro que todos sabem que isso renderá uma boa pendenga judicial, o que deixará sub judice (talvez durante a campanha toda) a decisão formal do partido. O que será absolutamente irrelevante, já que, independentemente dela, cada ala apoiará quem bem entender.

Ninguém se ilude mais de tentar fazer com que o presidente do partido faça cumprir decisões formais. Antes da reunião extraordinária de 8 de março, quando ficou decidido o apoio a FH, Paes de Andrade havia garantido que seguiria o resultado.

Depois, mandou um emissário à ala governista para dizer que não faria novas tentativas a respeito da candidatura própria desde que o deixassem sossegado na presidência do partido até setembro.

Chegou-se a vislumbrar a possibilidade de um acordo por aí. Logo, porém, viu-se que não havia chance até porque os ânimos pró-candidatura própria voltaram a ficar animados com a queda de Fernando Henrique nas pesquisas. Os governistas tentaram então destituir Paes numa reunião da executiva na quinta-feira, mas o presidente encerrou abruptamente a reunião, carregou consigo os microfones e ainda promoveu a ocupação da mesa que dirigia os trabalhos pela tropa do MR-8.

Ou seja, não há o menor clima para conversas normais e civilizadas de parte a parte.

Sendo assim, a avaliação foi a de que o melhor era mesmo deixar Paes e seus comandados para lá, ficando cada um com seu cada qual e ainda evitando que o presidente pagasse a conta política de uma convenção conjunta em ambiente de casa de cômodos.